



Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Nº 000001858

11.08

S 239

1859

CENTRO DE ESTUDIOS DE LA MUJER
FACULTAD DE INGENIERIA
U. N. A. M.

A ESCOLA NA LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ASSESSORIA TÉCNICA DE PLANEJAMENTO E
CONTROLE EDUCACIONAL

"PROGRAMA UNIVERSITARIO DE
ESTUDIOS DE GENERO" - U. N. A. M.

SÃO PAULO
1987

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
SOLICITA-SE PERMUTA

Centro de Informações Educacionais
Equipe Técnica de Informações Científicas e Tecnológicas
Praça da República, 53 – Sala 136 – Tel.: 255-4077 r. 170 e 171
Telex (011) 23790
CEP 01045 – São Paulo – SP

COORDINACIÓN DE HUMANIDADES



PROGRAMA UNIVERSITARIO DE
ESTUDIOS DE GENERO
"Biblioteca Rosario Castellanos"

São Paulo (Estado) Secretaria de Estado da Educação.
Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Edu-
cacional. A escola na luta contra a discriminação.
São Paulo, FDE, 1987.

1. Educação e Direitos das Minorias 2. Índio, Negro,
Mulher e Deficiente

CDU 37:341:234
572=97
572=96
396
616.89

EXPEDIENTE

Texto:
Sérgio Luis Avancine

Capa e Planejamento Gráfico:
Osires Gianetti Jr.

Projeto Técnico:
URPLAN - Instituto de Planejamento Regional e Urbano da PUC/SP

Colaboração e Supervisão:
Comissão Especial de Luta Contra Todas as Formas de Discriminação

APRESENTAÇÃO

É hora e vez de assumirmos as diferenças individuais — nossas e dos outros —, de abolirmos a atitude discriminatória que gera a intolerância — implícita ou explícita — pelas marcas diferenciadoras dos grupos minoritários.

Ao educador, que não apenas informa, compete transformar a escola — de espaço onde as injustiças e os preconceitos são confirmados e perpetuados — em espaço onde tais valores são debatidos e combatidos.

A Secretaria de Estado da Educação, através da Comissão Contra a Discriminação, está empenhada na batalha contra qualquer tipo de discriminação. Convidamos todos a participarem dela, carregando conosco a bandeira da esperança e do trabalho. Esperança na prática da justiça, quando a igualdade de oportunidades é direito de todo cidadão; trabalho para o fortalecimento de um mundo, onde marcas exteriores dos homens não sejam jamais índices de determinação de inferioridade ou causa de desdém.

CHOPIN TAVARES DE LIMA
SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO

"PROGRAMA UNIVERSITÁRIO DE
ESTUDIOS DE GENERO" - U.N.A.M.

Dentro do Projeto Editorial: A Escola na Luta Contra a Discriminação
estamos apresentando este trabalho, que carinhosamente chamamos de Cartilha.

Ela é um marco, um apelo à reflexão e à ação.

Vivemos em uma sociedade capitalista altamente fetichizada. O grande fetiche é o dinheiro.

Vida X dinheiro a qualquer preço. Discurso humanista X prática capitalista selvagem.

Neste mundo contraditório vivemos. Dividimo-nos. Degladiamo-nos. Violentamo-nos mutuamente.

Por muitos o discurso humanista é considerado ingênuo. Mas o que, além dele,
pode dar sentido à Vida e engrandecer o Homem?

Valorizar o ser humano é a nossa grande meta.

Valorizar todos os homens e mulheres. Sem discriminações.

SILVIA PIMENTEL
COORDENADORA DA CCD

SUMÁRIO

LEITE COM MANGA DÁ DOR DE BARRIGA?	9
O BRASIL NÃO FOI DESCOBERTO, FOI INVADIDO!	11
E A EXPLORAÇÃO CONTINUA.....	17
DIFERENTES, SIM... MAS IGUAIS!.....	23
ERA UMA VEZ UMA VIDA SADIA E PARTICIPATIVA	29
DESPEDIDAS.....	33



PROGRAMA UNIVERSITÁRIO DE
ESTUDIOS DE GENERO - U. N. A. M

LEITE COM MANGA DÁ DOR DE BARRIGA

Quando eu era criança, na cidade onde eu morava todo mundo dizia:



Alguns diziam isso com firmeza. Parece que acreditavam de verdade.

A maioria do pessoal simplesmente acreditava, e pronto.

Outros (como eu) desconfiavam, mas não se arriscavam. Afinal, dor de barriga não é nada agradável...

Uma vez, nas férias, viajei para a casa de meus tios.

Assim que cheguei, foram logo me preparando um lanche. Na mesa: uma "vitamina".

- "De quê?," perguntei.



Eu assustado: "Leite com manga? Não dá dor de barriga?"



Tive medo. Mas como eu gostava muito dos meus tios, resolvi experimentar. Não deu nada.

E como era super gostoso, tomei todos os dias durante as minhas férias por lá. De volta à minha cidade, contei para todo mundo.

Pois é! Parece que nem tudo que a gente escuta ou aprende é verdade.

Então, se você é desconfiado como eu e tem dúvidas sobre aquelas idéias que apareceram na capa deste livreto (e que a gente sempre ouve por aí), vem comigo, que eu acho que posso dar uma mãozinha. Já andei fuçando por muitos cantos e des-

cobri um monte de coisas sobre elas.

Talvez, juntos, a gente consiga perceber se aquelas idéias lá são preconceitos ou não.

Vamos?

Hã? Mas o que quer dizer

exatamente **preconceito**?

Está certo. É muito ruim a gente sair por aí falando sobre coisas que a gente não sabe bem o que é.

Vamos pedir uma ajuda para o Dicionário.

**PRECONCEITO: opinião formada sem conhecimento dos fatos;
julgamento feito sem reflexão;
idéia antiga e rotineira que não se apóia em
provas e argumentos sérios;
conceito antecipado;
superstição.**

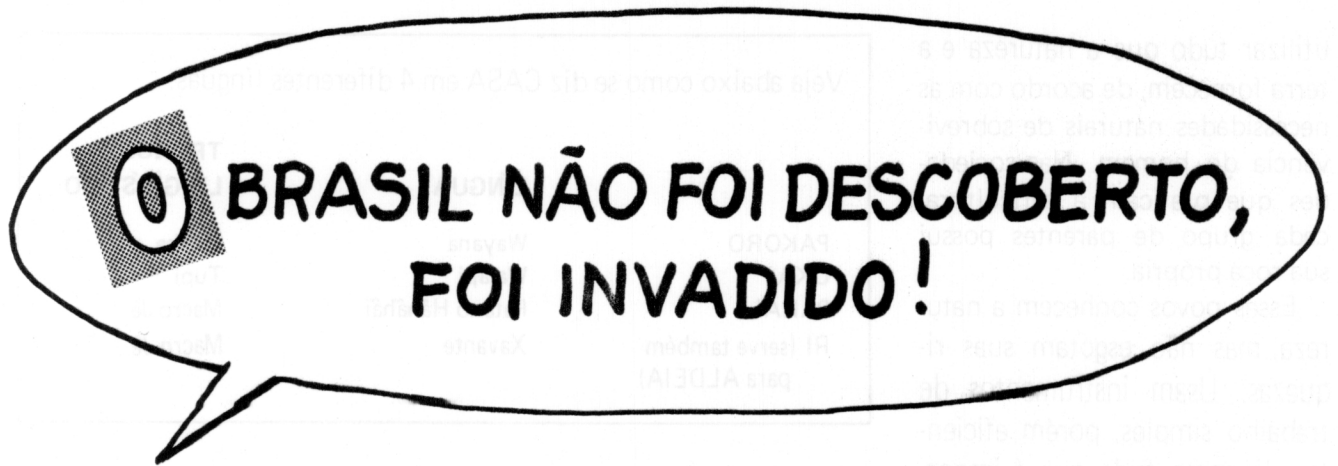
E nem precisava de Dicionário. Se fizermos a decomposição da palavra, vamos ter:

PRE: o que vem antes

CONCEITO: idéia, opinião, julgamento

Então, quando lá na minha cidade se dizia que "leite com manga dá dor de barriga" estava todo mundo com uma idéia formada sem conhecer direito os fatos, sem reflexão. Era um preconceito.

Agora podemos ir.



(Ângelo Kretã Kaingang, morto em emboscada em 1980, porque defendia os direitos de seu povo)

Vamos começar tentando conhecer melhor a realidade de diferentes povos que vivem espalhados por essas terras.



Pesquisas mostram que esses povos estão aqui faz já aproximadamente 30 mil anos.

Cada um desses povos tem sua língua própria e desenvolveu ao longo desses milhares de anos, naquela área da terra (território) em que estão, seu modo próprio de vida: a maneira de construir moradias, o trabalho que executam para sobreviver, os instrumentos que criam para realizar os trabalhos, os mitos, as regras (o que pode e o que não pode), etc. Cada um desses povos poderia ser imaginado como um "país" diferente.

Embora existam tantas diferenças entre eles, é possível perceber algumas características fundamentais que são comuns à grande maioria desses povos. Vejamos uma delas, talvez a mais importante:

TODOS SÃO DONOS DAS RIQUEZAS

O território em que vivem pertence a todos os habitantes da aldeia. Todos os homens adultos protegem o território. Por isso, todos os habitantes podem plantar, colher, pegar frutas e raízes, caçar, pescar. Enfim,

utilizar tudo que a natureza e a terra fornecem, de acordo com as necessidades naturais de sobrevivência do homem. Nas sociedades que praticam a agricultura, cada grupo de parentes possui sua roça própria.

Esses povos conhecem a natureza, mas não esgotam suas riquezas. Usam instrumentos de trabalho simples, porém eficientes. E como tudo que é importante para viver é produzido na aldeia, eles não fazem comércio nem usam dinheiro. Mas é muito importante entre eles a troca generosa de coisas (alimentos, utensílios, enfeites, etc.) e de serviços.

Para viver bem numa sociedade dessas, cada pessoa tem que trabalhar o quanto precisa: 3 ou 4 horas por dia. Não é necessário mais que isso para garantir a sobrevivência. Por isso, têm bastante tempo para conversar, ensinar as crianças, fazer visitas, realizar cerimônias e festas, aprender ensinamentos com as pessoas mais velhas de seu grupo.

Eles eram 5 milhões de pessoas por volta do ano 1.500 na área que hoje chamamos Brasil. Atualmente, porém, se reunidos, caberiam dentro do estádio do Morumbi: são pouco mais de 200 mil! Mas representando 170 povos diferentes.

Todos sabemos mais ou menos como explicar essa diminuição.

Veja abaixo como se diz CASA em 4 diferentes línguas:

	LÍNGUA	TRONCO LINGÜÍSTICO
PAKORO	Wayana	Caribe
OKA	Waiãpi	Tupi
PÂHÃI	Pataxó Hãhãhã	Macro-Jê
RI (serve também para ALDEIA)	Xavante	Macro-Jê

Mas não custa dizer aqui novamente, porque às vezes escapam detalhes importantes.

VOLTANDO NA HISTÓRIA

Quando os portugueses, a partir do ano 1500 (população de Portugal nessa época: 500 mil habitantes), começaram a chegar a essas terras, eles tinham um objetivo principal: explorá-las. Tirar delas tudo que fosse possível. E do jeito que fosse possível! Por isso ficaram bastante contentes quando perceberam que os homens que aqui viviam tinham armas bem menos poderosas que as suas.

A esses homens que aqui viviam foram logo dando nome: seriam todos "índios". Não lhes interessava o fato de na época existirem aproximadamente 600 povos diferentes, cada qual com sua língua e características próprias.

E imediatamente deram início à exploração. O índio trabalhou para eles cortando o pau-brasil; cuidando do gado; coletando temperos silvestres, plantas medicinais e frutas; participando das viagens em busca de ouro, prata e pedras preciosas. Os índios realizaram esses trabalhos em troca de objetos que lhes interessavam (roupas, utensílios diversos, pentes, espelhos, etc) e em troca de ajuda dos portugueses nas suas guerras. Ou realizaram esses trabalhos obrigados por força de armas.

É claro que deu muita briga. Não é à toa que os portugueses procuravam construir suas vilas e fortalezas em lugares altos e protegidos.

Mas foi só neste século que a população indígena começou a diminuir violentamente. Pois só a partir de mais ou menos 1900 é que a exploração econômica tomou força pra valer no Brasil e passou a invadir áreas imensas onde vivem índios.

Nesse processo morrem muitos e muitos índios, como sabemos. E desaparecem também diferentes sociedades, que homens como nós foram criando e construindo ao longo de aproximadamente 1.000 gerações (filho, pai, avô, bisavô, tetravô . . . até mil, já imaginou?). Nos últimos 30 mil anos da História da Humanidade . . . De repente, esses povos (ou "países", como vimos antes) somem da face de nosso planeta.

**TOU CIVILIZANDO ELES,
ACABEI DE ENSINAR
O QUE É MÃOS PRA
CIMA!**



ESSA HISTÓRIA SEGUE SE REPETINDO

O Governo Federal acaba de preparar um projeto (chamado "Calha Forte") para a abertura de estradas, minerações e instalação de bases militares em toda a região ao norte do rio Amazonas, onde até agora 50 mil índios vivem quase sem problemas.



Eu resolvi mostrar tudo isso para você porque muita gente fala do índio de uma outra maneira. Veja esse exemplo aí, retirado de um livro que se usa nas escolas:

Parece um tanto estranho, não?

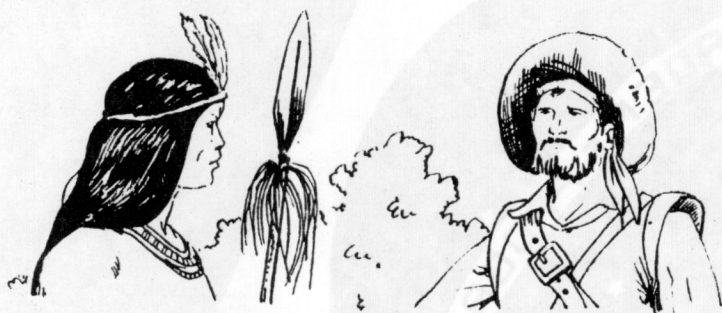
E há muito mais. Basta procurar...

UNIR ESFORÇOS

Para enfrentar a difícil situação que vivem todos os índios no Brasil, seus diferentes povos têm procurado unir esforços nos últimos tempos. A fim de denunciar esse massacre que já dura 487 anos e pressionar a sociedade brasileira e o Governo para que seus direitos (que já fazem parte das leis brasileiras) sejam respeitados.

Como estamos vivendo o momento da elaboração de uma nova Constituição para nosso país, os povos indígenas prepararam, através da UNI (União das Nações Indígenas) uma série de direitos fundamentais que estão reivindicando ao Congresso Constituinte:

O ÍNDIO E O BANDEIRANTE



Índio:

Prazer em conhecê-lo, Sr. Bandeirante. Os brasileiros agradecem a magnífica contribuição que vocês deram à nossa Pátria

1. RECONHECIMENTO DOS DIREITOS TERRITORIAIS dos povos indígenas como primeiros habitantes do Brasil.

Os índios devem ter garantida a terra, que é o seu "habitat", isto é, o lugar onde vivem segundo sua cultura e onde viverão suas futuras gerações. Este direito deve ter primazia sobre outros, por ter origem na ocupação indígena, que é anterior à chegada dos europeus.

2. DEMARCAÇÃO E GARANTIA DAS TERRAS INDÍGENAS.

Conforme a Lei n.º 6.001/73, terminou em 21 de dezembro de 1978 o prazo para a demarcação de *todas* as terras indígenas. Hoje, apenas 1/3 das terras está demarcado. Por isso, é necessário colocar esta questão na nova Constituição Brasileira. Contudo, só a demarcação não basta: é preciso que as terras, uma vez demarcadas, sejam efetivamente garantidas, para evitar as invasões constantes que até hoje ocorrem.

3. USUFRUTO EXCLUSIVO, PELOS POVOS INDÍGENAS, das riquezas naturais existentes no solo e subsolo dos seus territórios.

De nada vale a demarcação e garantia de suas terras, se os índios não puderem decidir livremente como usar as riquezas do solo e subsolo de seus territórios. Eles têm o direito, como povos diferenciados, de escolher como empregar estas riquezas. O progresso do Brasil, até hoje, se fez às custas da destruição dos índios e da invasão de suas terras. Agora, deve-se respeitar os povos que resistiram, assegurando-lhes condições para uma vida digna e para a livre construção do seu futuro.

4. REASSENTAMENTO, EM CONDIÇÕES DIGNAS E JUSTAS, DOS POSSEIROS pobres que se encontram em terras indígenas.

Os índios não desejam resolver seus problemas às custas dos trabalhadores rurais pobres, que foram empurrados para as terras indígenas. Por isso, reivindicam que os posseiros pobres tenham garantido o reassentamento em condições que não os desamparem ou os obriguem a invadir novamente territórios indígenas.

5. RECONHECIMENTO E RESPEITO ÀS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS dos povos indígenas com seus projetos de futuro, além das garantias da plena cidadania.

O Brasil é um país pluriétnico, isto é, um país que tem a sorte de abrigar, entre outros, 170 povos indígenas diferentes. Esta riqueza cultural precisa ser garantida em benefício das gerações futuras de índios e não-índios. Para isso, a Constituição Brasileira deve incluir o reconhecimento das organizações sociais e culturais indígenas, assegurando-lhes a legitimidade para defenderem seus direitos e interesses e garantindo-lhes a plena participação na vida do País.

UNI-UNIÃO DAS
NAÇÕES INDÍGENAS
R. Ministro Godoy, 1484
Sala 57 - Perdizes
Capital - SP
Fone: (011) 62-4246



Fotografia de Claudia Andujar

Mas também gente que não é índio tem apoiado suas lutas. Hoje, há diversos grupos e entidades participando dessas lutas em praticamente todo o Brasil. Você tem, a seguir, uma lista de entidades no Estado de São Paulo:

Comissão Pró-Índio de São Paulo - CPI/SP
Rua Ministro Godoy, 1484 - sala 20 -
Perdizes
Cep 05015 - São Paulo
Fone: (011) 864-1180

Conselho Indigenista Missionário - CIMI
Rua Argentina, 495 - Caixa Postal 43
Cep 11740 - Itanhaém
Fone: (0132) 92-4393

**Centro Ecumênico de Documentação e
Informação - CEDI**
Av. Higienópolis, 983 - Higienópolis
Cep 01238 - São Paulo
Fone (011) 825-5544

**Centro de Estudos Indígenas
ILCSE/UNESP/CAR**
Depto. de Antropologia, Política e Filosofia
Cep 14800 - Araraquara

E ENTÃO?

Será que têm cabimento idéias como “índio é preguiçoso”, “índio não tem sentimento”, “índio é sujo”, “não sabe pensar”? O índio faz parte só do passado da História do Brasil?

Há discriminação do índio no Brasil?
Ópa! Chama o Dicionário outra vez.

**DISCRIMINAÇÃO: ato ou consequência de separar, de segregar,
de estabelecer diferença.**

Muitas pessoas discriminam porque não compreendem a diferença entre povos. Prá ver como é diferente mesmo, leia o depoimento de Mairauê (índio Kayabi):

“O branco é um homem que tem coisas que eu não entendo. Nós da aldeia nos tratamos todos de irmãos, mas entre branco tem o que manda e toma a terra e o que vai lutar contra o índio como mandado.

Nós, como o negro, temos que mostrar para o branco que temos o direito de viver. Temos que ter o nosso Deus, o nosso modo de viver.

É engraçado, muitas vezes o branco diz: “Vocês têm que viver como nós e acabar com estas festas.” Eu gostaria de saber como é que um branco viveria como um índio. Nós queremos dizer para o homem civilizado da cidade, que eles só são civilizados porque acreditam que são, porque para nós eles são iguais.”

ALGUMAS SUGESTÕES DE LEITURAS:

- “Sociedades Indígenas”, de Alcida Ramos, Editora Ática
- “Povos Indígenas no Brasil” (vários anos a partir de 1981), Aconteceu Especial, da Editora Sagarana e CEDI
- “Índios no Estado de São Paulo: resistência e transfiguração”, Edição CPI/SP - Yankatu
- “A Questão Indígena na Sala de Aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus”, organizado por Aracy Lopes Silva, da Editora Brasiliense

A

EXPLORAÇÃO CONTINUA...

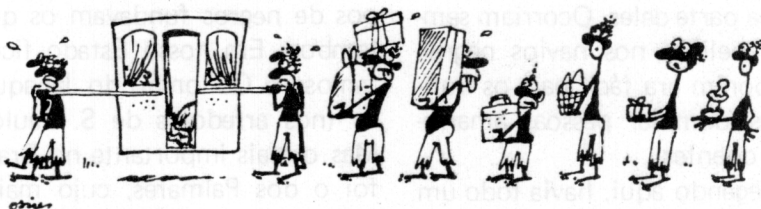
Agora vamos ver algumas coisas sobre a história e a situação do negro no Brasil.

Você me permite voltar quatro séculos para trás?

Pois bem. No século XVI, do outro lado do Oceano Atlântico, na África, estava ocorrendo coisa parecida com o que acontecia do lado de cá: europeus haviam chegado para explorar as terras, também sem pedir licença a quem já estava por lá.

E como Portugal não estava interessado em permitir muito movimento de dinheiro no território brasileiro (o comércio de escravos índios possibilitaria isso), com medo de fortalecer a Colônia e vê-la querer se tornar independente, essa foi a principal razão para a decisão de trazer escravos negros da África para o Brasil.

No Brasil, os negros do campo plantavam e cortavam a cana, o tabaco e o algodão, cuidavam do gado. Os negros de ofício preparavam o açúcar nos engenhos, faziam os serviços de carpinteiro, pedreiro, ferreiro e de mineração. Os negros domésticos faziam o serviço da casa dos seus senhores e por isso eram escolhidos a dedo: a mulher mais bonita, o homem bem comportado.



(os escravos domésticos transportavam caixotes, bagagens, material de construção, o guarda-chuva e os leques de seus senhores . . . e seus próprios senhores que jamais podiam se cansar!)

O trabalho do negro era tanto que todo trabalho braçal passou a ser considerado "coisa de negro". Até rebaixava o branco que o praticava!

Para os colonizadores europeus essa "superioridade" se devia a motivos biológicos e religiosos: Deus os havia feito brancos e cristãos, portanto "superiores"; já os povos dos outros continentes por serem negros, amarelos, vermelhos e, ainda por cima, não-cristãos eram "inferiores".

A Biologia não prova isso. E ainda ensina que a natureza é sábia: pele escura, cabelo crespo, nariz chato e lábios grossos foram características importantes para a sobrevivência e a adaptação dos negros no seu lugar de origem (África). A pele escura, por exemplo, favorecia a vida devido ao forte calor, pois os raios solares são mais facilmente bloqueados quando há mais

melanina (pigmento que dá cor) na pele da pessoa. Você sabe bem como fica uma pessoa de pele bem clara depois de um domingo na praia. . .

E as religiões da África e da América antes das colonizações eram ligadas aos fenômenos naturais porque seus povos viviam em permanente contato com a natureza. Mas na Europa, como o que mandava era o dinheiro, suas religiões tinham necessidade de um Deus todo-poderoso para definir que alguns homens haviam nascido para terem tudo e que outros homens haviam nascido para terem nada. Escute o Padre Antonio Vieira falando na época: "a escravidão do negro é um meio de sua salvação, uma entrada no Reino de Deus. A salvação está na cruz. Servindo ao seu senhor aqui na terra, o escravo receberá o prêmio do céu".

RESISTÊNCIA

Para obrigar o negro à obediência e ao trabalho escravo, foi preciso que seus proprietários montassem todo um esquema rigoroso de vigilância e de violência.

Já na África os escravos eram submetidos a todo tipo de humilhações após a captura: perdiam seus bens, eram separados de suas famílias e amigos, eram presos e embarcados nos porões imundos dos navios, onde as doenças e maus tratos provocavam a morte de boa parte deles. Ocorriam sempre rebeliões nos navios negreiros, porém era fácil para os traficantes dominar pessoas amarradas e doentes.

Chegando aqui, havia todo um sistema bem planejado para tentar impedir a resistência do negro. Os escravos eram mantidos nus; perdiam seus nomes verdadeiros e recebiam um nome cristão; eram amontoados em senzalas, mal alimentados e vestidos; eram reunidos em grupos de diferentes línguas; eram obrigados a adotar a religião católica. Enfim, a sua cultura era considerada inferior e criminosa. Todas essas atitudes dos seus proprietários tinham por objetivo fazer o negro se considerar inferior e aceitar os valores brancos.

Mas, além disso tudo, o senhor de escravos tomava outros cuidados: colocava capatazes bem armados espalhados por toda parte para fiscalizar o trabalho e reprimir revoltas e fugas, as quais, apesar de todo esse esquema, foram numerosas. Pelourinhos eram erguidos para o açoite e a exposição de escravos revoltados, mutilações eram freqüentes para castigar os escravos mais combativos, mulheres eram violentadas e outras brutalidades eram praticadas contra o escravo rebelde.

Apesar dessa situação, as formas de resistência dos negros eram as mais variadas: pouca produção no trabalho (daí a idéia de que "negro é vagabundo"?); preservação da cultura africana (daí a idéia de que "negro gosta de aparecer"?); criação de formas de defesa pessoal como a capoeira; matança de capatazes e donos de escravos (daí a idéia de que "negro é agressivo"?); organização de revoltas (daí a idéia de que "negro gosta de confusão"?); fugas para lugares distantes.

Como resultado das fugas, grupos de negros fundavam os quilombos. Em nosso Estado ficou famoso o Quilombo do Jabaquara (nos arredores de S. Paulo). Mas o mais importante no Brasil foi o dos Palmares, cujo maior líder foi Zumbi.

Das diversas revoltas escravas ocorridas nas cidades, a principal foi a Revolta dos Malês, de 1835, em Salvador (Bahia). Foi uma revolta muito bem organizada e que uniu escravos de diversas nações africanas (malês, iabus, benins, minas, geges, mundubis, etc.). Apesar de traídos por delatores, foi preciso toda a força policial da cidade para derrotar os escravos.

PODE-SE FALAR EM LIBERTAÇÃO?

Em 13 de maio de 1888 (data da assinatura da última lei que aboliu a escravidão: a lei Áurea), a população do Brasil era de aproximadamente 5 milhões de pessoas. Desse total, 3 milhões e 500 mil eram negros. Muitos desses negros já estavam velhos ou bastante desgastados fisicamente por causa de tanto trabalho, pois tinham sido trazidos moços para o Brasil algumas décadas antes. Aliás, essa foi uma das razões das leis de abolição

da escravatura: os proprietários dos negros não queriam fornecer casa, roupa e comida para escravos velhos e esgotados. E os negros viviam principalmente nas regiões onde a economia estava perdendo importância: no Nordeste, cujas exportações de açúcar estavam difíceis; em Minas Gerais, onde o ouro, a prata e as pedras preciosas estavam acabando.

O Governo poderia, então, ter elaborado alguns planos que dessem condições para os negros começarem vida nova. Mas não fez nada. E ainda por cima financiou viagens para o Brasil de um número enorme de imigrantes moços (italianos, alemães, etc.), alguns já com dinheiro no bolso. Para se ter uma idéia desse número: só no Estado de São Paulo, entre os anos 1827 e 1899, entraram 940.684 imigrantes, número maior do que o de escravos que foram atingidos pela lei Áurea em todo o Brasil. Esses imigrantes ocuparam, então, os bons empregos na região Rio de Janeiro-São Paulo, onde a economia estava começando a se desenvolver com força: café e primeiras indústrias. Quando um negro se candidatava a um desses empregos, sempre enfrentava a concorrência de alguns imigrantes. E perdia porque os empregadores ainda acreditavam que "negro só trabalhava obrigado pelo chicote".

Moral da história: quando os negros puderam entrar no jogo do trabalho "livre", seu time estava descalço enquanto o time dos brancos jogava de chuteiras. E quando os negros entraram em campo o placar já marcava 5 x 0 a favor dos brancos. Como se isso não bastasse, o juiz era branco e estava "na gaveta". Qual poderia ser o resultado?

No Rio de Janeiro, para ter onde morar, muitos desses negros



tiveram que subir os morros. Num dos morros, perto do centro da cidade, eles encontraram outros brasileiros de destino semelhante, gente que vinha do sertão miserável do Nordeste. No morro tinha uns arbustos que davam uma vagem: era o angico-vermelho-do-campo, que os sertanejos chamavam de **favela**. O morro virou **Morro da Favela**. Coisa parecida aconteceu em muitas outras cidades, e não só em morros: também em outros terrenos desocupados e em casarões abandonados (os cortiços).

E como não arrumavam emprego, esses brasileiros tiveram que partir para bicos diversos: engraxate, lavar roupa, vender doce, etc. Alguns deles, pelo desespero da fome, partiram para pedir esmolas. Dessa forma se criaram algumas "profissões de pobre" no Brasil. E outros, completamente desesperançados, acharam que a última saída era

roubar. Nesse caso, tratou-se de "profissão" já antiga e não apenas do pobre, não é mesmo?

Hoje o negro ganha, em média, menos que a metade do que ganha o branco (dados de 1985 para salário médio por hora trabalhada: branco 4.580, negro 2.140). E o recenseamento feito pelo IBGE em 1980 registra que: 1º) os patrões brasileiros são 79% brancos, 16% "pardos" e 1% "pretos"; 2º) da população total do país, os negros ("pretos" + "pardos") são quase a metade.

Será que as regras daquele "jogo" que começou há 100 anos atrás mudaram? Você sabe o que significa "boa aparência" nesse anúncio retirado do jornal Folha de São Paulo de 30/01/1987?

Empregos.

PRECISA-SE DE RECEPCIONISTA

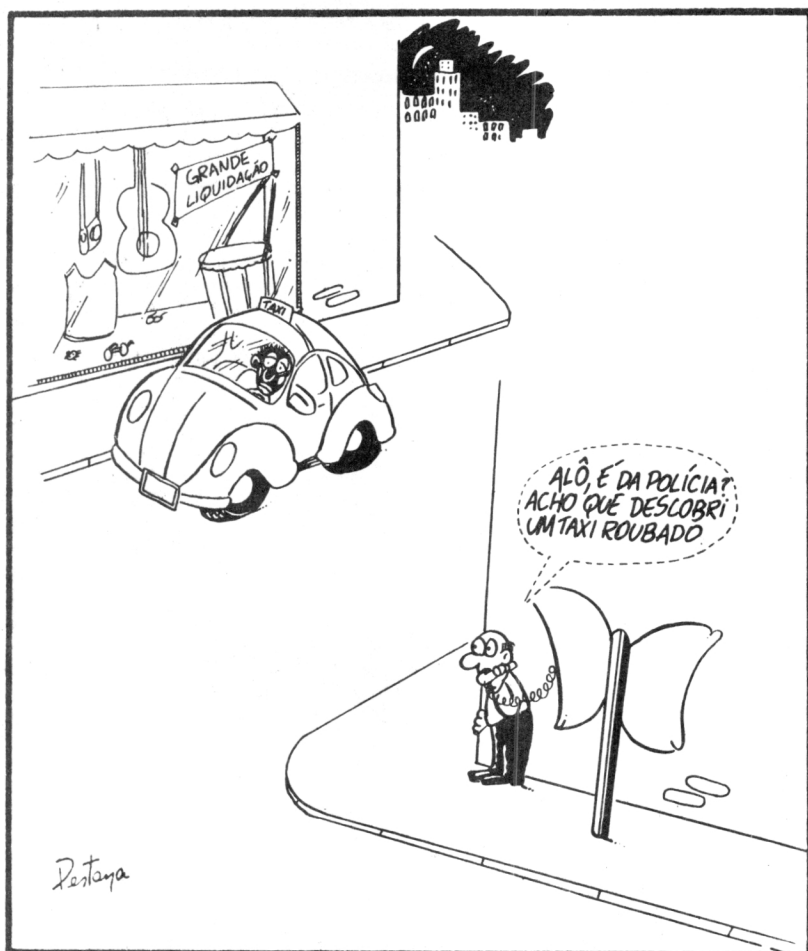
Boa aparência.
Tratar Praça da Sé 158 1º. Andar à partir das 10:00 horas.

FOIHA DES PAULO

CZS
Empresa
nut. está
no Terin
Grande!
EXIGIM
municaf
res e con
OPRECE
ões e p
muidas
4º and
nifácio!



Em resumo, a situação do negro hoje pode ser definida como um círculo vicioso. Primeiro o desemprego ou os piores empregos. Por isso aquelas idéias de que o negro é incapaz, analfabeto, burro e não tem vontade. Depois a imagem do negro passada pela TV, pelo rádio, pelos jornais, pelos livros (inclusive os das escolas). Verifique você mesmo: quantos são os atores negros numa novela e que papéis têm? E finalmente a violência da polícia, para quem "negro parado é suspeito e negro correndo é ladrão".



E na escola? A coisa é muito parecida. De cada 100 crianças negras que entram na 1ª série do 1º grau, apenas 59 são aprovadas ao final do ano. De cada 100 crianças brancas, 71 são as aprovadas. Tente você mesmo achar e explicar outras diferenças que existam entre a criança negra e a branca na escola.



ORGANIZAÇÕES NEGRAS

Desde há muito tempo que diversos movimentos e associações de negros vêm denunciando o preconceito e as discriminações no Brasil e lutando por melhores condições de vida.

Porém, ultimamente, têm sido também freqüentes nesses movimentos a valorização da cultura de origem africana (música, roupas, etc.) e a união dos movimentos negros com movimentos mais amplos que criticam e procuram mudar toda a sociedade brasileira que, como já dá para perceber, tem muita coisa errada.

A seguir, veja uma lista de entidades negras no Estado de S. Paulo:

Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra
R. Antonio de Godoy 122, 9º andar
Santa Efigênia
CEP 01034 - São Paulo
Fones: (011) 220-2946, 223-8674 e 223-8477

Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Praça da República 53, sala 46
CEP 01045 - São Paulo
Fone: 255-4077 ramal 145

Coletivo de Mulheres Negras
Conselho Estadual da Condição Feminina
R. Estados Unidos, 346
CEP 01417 - São Paulo
Fones: (011) 280-0900 e 852-1750

Grupo de Orientação e Interferência em Situações de Discriminação Racial no Trabalho
Secretaria de Estado das Relações do Trabalho
Av. Brigadeiro Luís Antonio 1224, 1º andar, sala 13
CEP 01318 - São Paulo
Fone: (011) 288-1083

Grupo de Orientação e Interferência para Assuntos de Discriminação Racial
Secretaria da Segurança Pública
Av. Higienópolis 758
CEP 01238 - São Paulo
Fone: (011) 826-1244

Associação Recreativa Cultural Comunitária Academia do Samba Paineiras Sapopemba
Caixa Postal 54079
CEP 01296 - São Paulo

Grupo União e Consciência Negra
R. Álvaro Alvim 483 - Vila Paulicéia
CEP 09720 - S. Bernardo do Campo

Fundação Sócio-Cultural - FUSOCAAB
R. D. Azevedo Coutinho 20
CEP 15100 - São José do Rio Preto

Movimento Negro Unificado de Franca - MONUF
R. Paraná 1494 - Bairro da Capelinha
CEP 14400 - Franca

Regional do Conselho da Comunidade Negra
Escritório Regional de Governo
R. XV de Novembro 311
CEP 16400 - Lins

Fundação Domeneguet - Centro de Estudos Afro-Brasileiros
Av. Araras, 165
CEP 14300 - Batatais

Grupo Congada
R. Madre Saint Bernarde 770
Jd. Santa Mônica
CEP 13560 - São Carlos

ALGUMAS SUGESTÕES DE LEITURAS

- "O Que é Racismo", de Joel Rufino dos Santos, Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense.
- "A Questão da Negritude", de Zilá Bernd, Coleção Qual É, da Editora Brasiliense.
- "Situação do Negro na Sociedade Brasileira", de José Oscar Beozzo, da Editora Vozes.
- "Negro tem Valor", do Grupo de Trabalho contra a discriminação racial, Edições Paulinas.

DIFERENTES, SIM... MAS IGUAIS!

Espie à sua volta. Pesquise a situação das meninas na sua escola. Para ajudar, vão algumas dicas recolhidas em levantamento feito em 1986 nas escolas estaduais:

- "há listas de chamada em que o nome dos meninos vem primeiro";
- "em geral, o professor aceita mais bagunça de meninos que de meninas";
- "há professores que não escrevem na lousa, pedindo para as alunas fazerem isso e não aos alunos";
- "a grande maioria dos livros escolares mostra sempre o homem fazendo as coisas mais importantes e as mulheres fazendo as menos importantes";

Agora vamos olhar mais longe e verificar qual é a situação das mulheres no nosso país.

Em 1970, de cada 100 mulheres brasileiras apenas 18 trabalhavam fora de casa. Em 1983 já eram 36 em cada 100. Porém, o fato da mulher estar começando a sair para trabalhar não quer dizer que ela tenha no emprego a mesma situação que o homem. E não tem mesmo: quase sempre o homem ganha mais que a mulher e ele tem melhores empregos que ela. Parece aquele "jogo" lá de trás entre brancos e negros, lembra?

Aliás, situação especialmente difícil é a da mulher negra. Como já foi visto antes, a população negra brasileira é, em sua grande maioria, pobre. Portanto, ser mulher negra neste país é ser três vezes discriminada: mulher, negra, pobre. Segundo dados do IBGE (1980), de cada 100 mulheres negras 60 ganham menos que 1 salário-mínimo. E de cada 100 brancas 35 ganham menos

que 1 salário-mínimo.

Outros problemas que a mulher que trabalha fora encontra: quando fica grávida o patrão despede; falta de creches; "cantadas" do chefe. E outras coisas que você mesmo poderá descobrir.

Bem, já vimos um pouco da situação da mulher no trabalho fora de casa. E no trabalho dentro de casa, como é que é? Aí não precisa nem dizer! Repare nas mulheres que trabalham fora: em geral, têm jornada dupla de trabalho (fora e dentro de casa).

E parece que o problema começa dentro de casa mesmo, com a educação diferente do menino e da menina: boneca e fazer comidinha para ela, carrinho e bola para ele; brincadeira na rua para ele e dentro de casa para ela; ele ajuda o pai a sujar e a desarrumar, ela ajuda a mãe a limpar e a arrumar; e por aí afora...

A TV reforça tudo isso. Nas propagandas, novelas, programas de auditório, que papéis desempenha a mulher?

VOLTANDO NA HISTÓRIA

Depois a gente conversa mais sobre a situação atual da mulher no Brasil. Agora gostaria que você me acompanhasse novamente de volta na História para a gente tentar entender um pouco mais sobre o problema da discriminação da mulher.

Como já vimos antes, os colonizadores do Brasil chegaram mandando em todo mundo. E fizeram valer aqui a sua maneira de considerar a mulher: como um ser inferior. De gente mandona se poderia esperar outra coisa?

Para eles as suas famílias tinham que ser assim: o chefe mandão, a mulher submissa e medrosa, os filhos assustados e obedientes.

As meninas deviam ter um ar humilde, ser acanhadas e bem-comportadas. Não precisavam estudar. Casavam cedo com o

noivo que seus pais lhes arrumavam. Na verdade, era mais um negócio do que um casamento, pois os pais estavam mais preocupados com a ampliação de suas propriedades e com a posição social de sua família. Não havia lugar para a vontade das filhas.

Depois de casadas quase nada mudava em suas vidas. Cobia-lhes supervisionar as tarefas domésti-

cas: olhar os filhos e comandar a cozinha.

Dizia-se que "a mulher deve dar-se por muito satisfeita quando sabe dizer corretamente suas orações e copiar a receita de goiabada. Mais do que isso é um perigo para o lar", (Será que a coisa hoje mudou muito?).

Devem ter ficado espantadíssimos os índios e negros daquela

época, pois nas sociedades onde eles nasceram não era assim não. Alunos indígenas da EEPSC Bairro dos Prados (DRE Litoral - DE de S. Vicente-Peruibe - SP) afirmam que ainda hoje "é normal em suas tribos homens e mulheres repartirem trabalhos sem distinção de sexo, trabalhos esses que podem ser domésticos ou não".



PROTESTOS E ORGANIZAÇÃO

É claro que havia mulheres que protestavam contra aquele tipo de vida trazido pelos colonizadores, cada uma a seu modo (Quando você se sente explorado, você não arranja um jeito de protestar?).

Alguns casos ficaram famosos, como o das mulheres que fizeram a longa campanha pelo direito feminino de voto, conquistado em 1932.

Conheça uma das mulheres
que participou desse movimento:



JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO

Foto: HAHNER, June. *A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

Para alguns biógrafos, Josefina Álvares de Azevedo era pernambucana. Outros afirmam que nasceu em Itaboraí (RJ), sendo meia-irmã do famoso poeta Álvares de Azevedo. Bem pouco se sabe sobre a vida desta mulher, excluindo-se o período referente às últimas décadas do século XIX, quando desenvolveu intensa campanha pela emancipação feminina. Parece que por volta de 1878 já escrevia artigos favoráveis à emancipação da mulher. Professora apenas para garantir a sua subsistência, leitora voraz de livros e periódicos estrangeiros, manteve correspondência com destacadas personalidades dos Estados Unidos, o que a teria influenciado, dentre outras coisas, no que se refere ao combate ao regime escravocrata. Em 1888, em São Paulo, inicia a publicação de *A Família*, "jornal literário dedicado à educação das mães de família". O jornal contava com a colaboração de algumas das mais importantes escritoras daquela época. Quem fazia, porém, os artigos de fundo, de política e polêmicos era Josefina. Contestava a preeminência da autoridade masculina seja dentro da família como na constituição da sociedade, era favorável ao divórcio, colocando-se contra a autoridade paterna que impunha o marido sem consultar a afeição dos filhos. Acreditava na importância da educação da mulher não só para o benefício próprio - dizia: "Mulher instruída é mulher emancipada" - como para o progresso da nação. A partir da proclamação da República passou a defender o direito das mulheres ao voto, considerando-o primordial, já que dele dependia a melhoria de sua condição na sociedade. No final do século, Josefina fez uma série de conferências pelo Nordeste. Em 1890, publicou em *A Família*, como folhetim, a comédia (de um ato) *O voto feminino*, que foi representada, pela primeira vez, em 23 de junho de 1893, na inauguração do Teatro Recreio Dramático em homenagem aos representantes do Congresso Nacional. O que aconteceu com Josefina Álvares de Azevedo, depois de 1897 não sabemos até o momento. Assim como a data de seu nascimento, a de sua morte também é ignorada.

De lá para cá algumas outras mudanças importantes têm ocorrido fundamentalmente por causa da iniciativa das próprias mulheres. Elas têm lutado por creches, melhores condições de saúde, igualdade de tratamento no trabalho, modificações das leis, desarmamento e paz mundial. Elas têm se organizado nos bairros, nos sindicatos, nos partidos políticos.

Mulheres eleitas para o Congresso Nacional (deputadas federais + senadoras)	
1934 (Constituinte).....	01
1974.....	01
1978.....	04
1982.....	08
1986 (Constituinte).....	26



omni

TODOS FAZEM A HISTÓRIA

Espero que você tenha percebido que as mulheres foram e muitas, ainda hoje, são dominadas no Brasil porque condições históricas se desenvolveram de uma tal maneira que isso se fez possível. Mas espero, que você tenha percebido também que as coisas mudam por causa da vontade e da ação das pessoas. E com elas a História muda também. Onde tem gente viva tem História. Ela é como o mar: sempre em movimento. É o passado, mas também é o presente e o futuro. Seus personagens são todas as pessoas, inclusive você.

Já que os personagens da História são todas as pessoas, que tal a gente pesquisar melhor o que pensam as pessoas no Brasil sobre a mulher?

Em seguida são apresentadas entrevistas com dois cidadãos feitas em 1986 por alunos da EEPG Santa Rita - DRE Sul - DE de Diadema (SP). Os entrevistados são Paulo Roberto (22 anos, casado, mecânico de automóveis) e Hugo (19 anos, solteiro, motoqueiro). A fim de ajudar você a analisar as respostas dadas, acompanham alguns breves comentários.

1) Qual a sua opinião sobre a participação da mulher na sociedade?

P. Roberto - Errado. Porque a mulher tem que cuidar da casa.

Hugo - Ótimo. Pois a mulher deve estar a par de todos os acontecimentos.

Se o homem também mora na casa, usa a casa, porque ele não tem que cuidar dela?

2) Você acha que as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens nos salários, nas profissões, na família?

P. Roberto - Não. Porque a mulher já desfaz do homem ganhando pouco, imagine se ganhasse igual. Se ela adquirisse os mesmos direitos, iria mandar no marido.

Hugo - Sim. A mulher tem que trabalhar e receber certo pelo que faz. Não acho que os homens são melhores que as mulheres em nada.

Parece que Paulo Roberto tem medo de perder seu lugar de chefe...

3) Você acha que os homens devem mudar a cabeça e o preconceito de achar que as mulheres são diferentes?

P. Roberto - Não é preconceito. A mulher não é igual ao homem.

Hugo - Acho que sim. Hoje em dia, a mulher está tão liberada quanto o homem e a única diferença que existe é mesmo o sexo.

Realmente a mulher não é igual ao homem. Da mesma forma como o homem não é igual à mulher. Mas, apesar das diferenças, não devem ter os mesmos direitos?

4) Você é a favor da liberdade da mulher?

P. Roberto - Não. Porque elas não se comportam como devem.

Hugo - Totalmente. Se os homens têm o direito de serem livres, por que as mulheres não podem ter os mesmos direitos?

O Paulo Roberto parece mesmo o chefe mandão: ele acha que é ele quem sabe como devem se comportar as mulheres.

5) Você acha que as separações de hoje em dia têm a ver com a liberação da mulher?

P. Roberto - Tem. Porque a mulher quer se liberar e o marido não aceita.

Hugo - Se alguns casamentos não estão dando certo não tem nada a ver com as mulheres. A culpa é dos dois.

Desta vez vai um toque sobre a resposta do Hugo. Casamento tem que dar certo sempre? Parece que é melhor que dê certo sim. Mas se não der certo, as pessoas têm sempre CULPA por isso?

6) Você acha que as mulheres de hoje em dia podem educar bem um filho mesmo trabalhando fora?

P. Roberto - Não. Porque ela não iria ter tempo nem para dar amor ao filho.

Hugo - Perdi meu pai muito cedo e minha mãe sempre trabalhou fora. Não tenho nada a reclamar. Tenho uma ótima educação, sou respeitado, estudo e pretendo me formar advogado, graças à minha mãe.

O Hugo já provou que sim. Mas vale a pena ainda notar que para o Paulo Roberto parece que o pai não tem que dar também amor ao filho...

7) Você acha que a mulher mesmo trabalhando fora pode ter um bom relacionamento com o marido?

P. Roberto - Se ele permite que ela trabalhe, não vai poder reclamar de nada.

Hugo - Sim. Desde que um saiba entender o outro.

O Paulo Roberto acha que a mulher pode trabalhar fora quando o marido PERMITE... e só o homem tem o direito de reclamar.

8) Você acha que as mulheres de hoje são iguais às de antigamente?

P. Roberto - Não. Porque as de hoje não têm juízo.

Hugo - Não. As mulheres de antigamente eram dominadas pelos pais e pelos maridos.

Os dois responderam NÃO. Mas por razões completamente diferentes. O que pensa você?

ENTIDADES

A seguir você encontra uma lista de entidades paulistas especializadas no trato das questões relativas à discriminação da mulher:

Conselho Estadual da Condição Feminina
R. Estados Unidos, 346 - Jardim Paulista
CEP 01427 - São Paulo
Fone: (011) 280-0900 - 852-1750

**Grupo Especial de Atendimento
Trabalhista à Mulher e ao Menor**
Secretaria Estadual das Relações do Trabalho
Av. Brig. Luís Antonio, 554
CEP 01317 - São Paulo
Fone: (011) 37-1883 ou 34-7568

**COJE - Centro de Orientação Jurídica e
Encaminhamento à Mulher**
Rua Tabatinguera, 68 - 1º andar - Centro
CEP 01020 - São Paulo
Fone: (011) 258-0222 - R. 85

DELEGACIAS DA MULHER

E agora uma lista de Delegacias de Defesa da Mulher, que fazem parte da Secretaria da Segurança do Estado de São Paulo. Atendem mulheres vítimas de casos de violência como agressão física e estupro, ou outros casos em que a mulher vítima se sinta mais à vontade sendo atendida por Delegadas e Especialistas mulheres.

Na Grande São Paulo:

CENTRO

Parque D. Pedro II - Prédio DEGRAN
Fone: (011) 228-6101 - 254-3361
229-5566 - R. 948

ZONA SUL

R. Padre José Anchieta, 138 - Sto Amaro
Fones: 247-4004 - 254-3362

ZONA OESTE

Av. Francisco Morato, 2971 - V. Sonia
Fone. 211-0176 - 211-8886

ZONA NORTE

Av. Itaberaba, 731 - 1º andar - Freguesia do Ó
Fone: 266-1779 - 266-5455

ZONA LESTE

R. Severino de Almeida, 64 - Itaquera
Fone: 205-6015 - 229-5666 - r. 632

RUDGE RAMOS

Av. Rudge Ramos (esquina r. Sacramento)
S. Bernardo do Campo
Fone: 457-2032

No Interior:

LIMEIRA

R. Tiradentes, 616
Fone: 41-9415

RIBEIRÃO PRETO

R. Duque de Caxias, 1048 - 1º andar
Fones: 636-6890 - 625-4499 - ramal 016

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

R. Pituba, 88 - Jd. Satélite
Fone: 31-4387

CAMPINAS

1º DP - Setor de Defesa dos Direitos
da Mulher
R. Sebastião de Souza, 150
Fone: 2-3741

SOROCABA

R. Virgílio de Melo Franco, 85 - Trujilo

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Av. América, 194
Fone: 32-8977 - ramal 17 - 32-6879

SUGESTÕES DE LEITURAS

- "O Que é Feminismo", de Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy, da Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense.
- "A Mulher e a Constituinte: uma Contribuição ao Debate", de Sílvia Pimentel, Ed. Cortez e Educ.
- "A Dominação da Mulher: os papéis sexuais na educação", de Regina Antonio G. de Toledo e outras.
- "Amor e Sexo na Adolescência", de Naomi Vasconcellos, Editora Moderna.

E

RA UMA VEZ UMA VIDA SADIA E PARTICIPATIVA

Não existem duas pessoas completamente iguais. Pode procurar no mundo todo. Sempre há diferenças entre as pessoas. Diferenças de sexo, de cor de pele, de jeito de pensar as coisas, de se vestir, etc. A deficiência é também mais uma possibilidade de diferença entre todas as pessoas.

Convido você, então, para conhecer melhor o tal deficiente para a gente não ficar com um monte de idéias erradas sobre ele. Idéias que vão surgindo sem se saber porque. Talvez seja porque desde pequeno a gente escuta coisas como a marchinha de carnaval:

“Eu sou o pirata da perna-de-pau,
do olho de vidro,
da cara de mau...”

QUEM SÃO EXATAMENTE AS PESSOAS DEFICIENTES ?

De cada 10 pessoas, uma tem algum tipo de limitação em sua capacidade física (membros superiores e inferiores), visual (olhos), auditiva (ouvidos) ou mental (cérebro). Essas são chamadas pessoas deficientes.

COMO UMA PESSOA FICA DEFICIENTE?

Bebês nascem deficientes por diversos motivos, entre os quais: doenças que a mãe tem durante a gravidez, problemas genéticos e de malformação de feto, pro-

blemas durante o parto.

Crianças e adultos ficam deficientes por causa de doenças que podem deixar seqüelas (conseqüências), tais como sarampo,

poliomielite, glaucoma. Por subnutrição, ou por acidentes de trânsito, de trabalho, com arma de fogo e objetos perfurantes ou quedas.



Francisco S. Ramos

Será que pobre tem mais deficiência que rico?

Provavelmente sim. Provavelmente porque não há, hoje, como provar isso com estatísticas, pois os dados sobre deficiência são quase inexistentes. O fato é que, se forem examinadas uma a uma causas de deficiência que foram apresentadas acima, percebe-se que o pobre está mais sujeito à deficiência. Porque: a condição de saúde do pobre é pior do que a do rico, o parto do pobre é feito com menos assistência que o do rico, os trabalhos do pobre oferecem mais possibilidades para acidentes, rico não é subnutrido. Só nos acidentes com carro, moto, avião ou equipamentos como asas-deltas é que há um número maior de casos para os ricos.

MINHA SENHORA,
O QUE ESSE MENINO
PRECISA É
DE
COMIDA !



ICHE DOUTOR!
NÃO TEM UM REMÉDIO
MAIS BARATO NÃO



* * *

ELES TÊM
UM TAL DE
SEXTO SENTIDO?

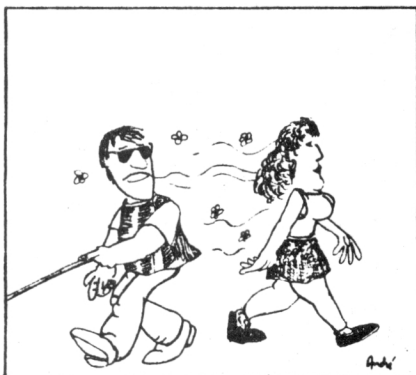
O que há de tão "surpreendente" em alguns deficientes é o simples desenvolvimento de recursos que existem dentro de todos nós. Você, com o mesmo treinamento que um pianista ou digitador cego que lhe parece "extraordinário", será tão "extraordinário" quanto ele!

A DEFICIÊNCIA É CONTAGIOSA?

Muita gente tem medo de tocar no deficiente por medo de "pegar" a deficiência. Você já viu alguém "pegar surdez"?

OS DEFICIENTES SÃO INOCENTES OU SANTOS?

Como eles são seres humanos, têm interesses, qualidades e defeitos como todo mundo. Não é mesmo?



DEFICIENTE = INCAPACITADO = INVÁLIDO?

Examine o que significa cada uma dessas palavras. Lembre-se do exercício de decomposição de palavra que foi feito no começo deste livreto.

- Deficiente é aquele que tem deficiência, que tem limitações, mas que possui capacidade.
- Incapacitado é aquele que não tem capacidade.
- Inválido é aquele que não vale, que é nulo.

PARTICIPAÇÃO DE VERDADE

Então, o que é preciso para a participação de verdade das pessoas deficientes na sociedade?

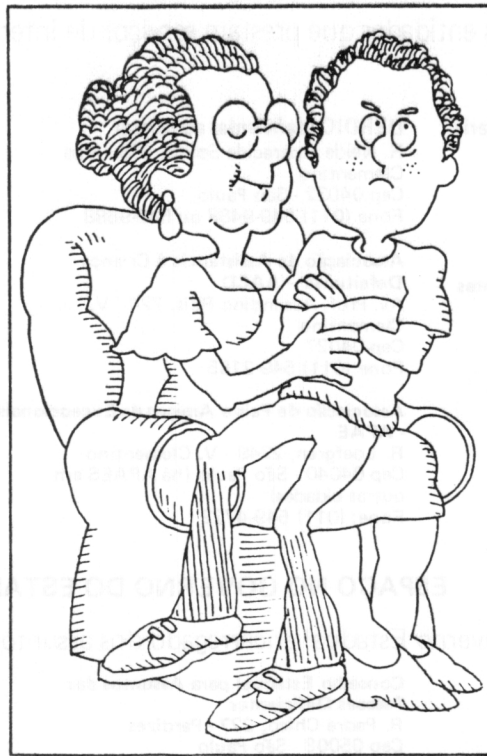
Treinamentos diversos, eliminação de obstáculos físicos (escadas, portas estreitas, etc., nas escolas, por exemplo), educação especial (essa é uma questão a ser discutida: deve haver classes e escolas especiais para deficientes?), materiais de uso pessoal (aparelhos para ouvido, relógios para cego, etc.), profissionalização e acesso a empregos (é certo um deficiente com curso universitário trabalhar de comelô?), adaptação de instrumentos de trabalho (uma mesa de telefonista, por exemplo).

Se tudo isso for feito, o deficiente poderá fazer tudo o que você faz. Do jeito dele, é claro. Mas com o mesmo resultado.

O pobre tem as mesmas facilidades que os ricos pra' obter tudo isso aí de cima? Veja uma por uma as necessidades mencionadas acima. O pobre tem dinheiro para pagar treinamentos, educação especial, materiais de uso pessoal, curso profissionalizante? E o Governo, fornece tudo isso gratuitamente?

Outra barreira que os deficientes encontram é a superproteção (cuidados exagerados).

Entre as diversas formas de superproteção está a de achar que o deficiente precisa de ajuda para tudo. Será que ele gosta disso? Será que isso não o



Francisco S. Ramos



vicia? Outra forma de superproteção é evitar o uso de palavras como cadeira de roda ou cegueira por achar que vai magoar o deficiente. Essas palavras não são ofensivas, são palavras comuns de nossa língua.

Por outro lado, não deve ser gostoso alguém chamar a gente de "gordo", de "banguela", ou por outras características de nossa aparência, não é mesmo? Você acha correto,

então, chamar uma pessoa deficiente visual de "cega" ou "ceguinha"?

Lutar pelos próprios direitos

Qual pessoa deficiente tem um problema tão grande que não possa lutar por seus direitos?

Por isso muitas delas têm organizado entidades para reivindicar seus direitos e para combater os preconceitos e discriminações.

Veja abaixo uma lista de algumas dessas entidades no nosso Estado.

Movimento Pelos Direitos das Pessoas Deficientes - MDPD

R. Cristiano Viana, 537 - Cerqueira César
Cep 05415 - São Paulo
Fone: (011) 852-5943

Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes - FCD

Alameda Rio Claro, 190 apto. 259 - Jd. Paulista
Cep 01332 - São Paulo
Fone: (011) 284-5493

Núcleo de integração dos Deficientes - NID

R. Piassaguera, 24
Cep 03037 - São Paulo
Fone: (011) 93-5331

SERVIÇOS

E agora uma lista de algumas entidades que prestam serviços de interesse das pessoas deficientes:

Serviço de Educação Especial (Secretaria Estadual da Educação)

R. João Ramalho, 1546 - Perdizes
Cep 05008 - São Paulo
Fone: (011) 864-5700 ramais 17 e 58

DERDIC (deficientes auditivos)

R. Neide Aparecida Solito, 435 - Vila Clementino
Cep 04022 - São Paulo
Fone (011) 549-9488 ou 549-9688

Fundação Para o Livro do Cego do Brasil - FLCB

R. Diogo de Faria, 558 - Vila Clementino
Cep 04037 - São Paulo
Fone: (011) 549-0611

Escola Municipal de Educação de Deficientes Auditivos

R. Pedra Azul, 314 - Aclimação
Cep 04109 - São Paulo
Fone: (011) 544-4189

Associação de Assistência à Criança Defeituosa - AACD

Av. Prof. Ascendino Reis, 724 - V. Clementino
Cep 04027
Fone (011) 549-2155

Instituto Padre Chico (para cegos)

R. Moreira de Godoy, 456 - Ipiranga
Cep 04266 - São Paulo
Fone: (011) 274-4611

Associação de Pais e Amigos de Excepcionais - APAE

R. Loefgren, 2249 - V. Clementino
Cep 04040 - São Paulo (há APAES em outras cidades)
Fone: (011) 549-4722

ESPAÇO NO GOVERNO DO ESTADO

E tem ainda um órgão do Governo Estadual encarregado dos assuntos das pessoas deficientes:

Conselho Estadual para Assuntos das Pessoas Deficientes

R. Padre Chico, 227 - Perdizes
Cep 05008 - São Paulo
Fone: (011) 262-2400

ALGUMAS SUGESTÕES DE LEITURA

“O Que São Pessoas Deficientes”, de João B. Cintra Ribas, Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense

Diversas publicações do Conselho Estadual para Assuntos das Pessoas Deficientes: “Pessoas Deficientes - algumas coisas que é preciso saber”, “A Cegueira Trocada em Miúdos”, etc.

DESPEDIDAS

Bem, agora que já passeamos bastante pela História do Brasil (e até de outros países) e fuçamos muitos cantos da nossa sociedade, confesso que estou cansado!

Ah! Você não cansou não?

Então vá em frente. Mas eu fico por aqui.

Hã? Para onde você vai?

Você encontra algumas dicas lá na capa do livreto. Talvez você possa sair atrás daquelas outras idéias que aparecem lá e que nós não tivemos tempo de estudar aqui.

E você ainda pode encontrar mais um montão de possíveis preconceitos e discriminações no Brasil. Basta procurar. . .

Para ajudar, eu deixo a seguir algumas anotações estatísticas que fiz e que podem ser úteis.

Um grande abraço e **OLHO VIVO!**



ALGUNS NÚMEROS BRASILEIROS EM 1987

(n^os aproximados)

POPULAÇÃO TOTAL: 130.000.000 habitantes

ÍNDIOS	200.000
NEGROS ("pretos" + "pardos")	58.500.000
MULHERES	65.500.000
DEFICIENTES	13.000.000
POBRES (renda abaixo de 2 salários mínimos)	35.000.000
ANALFABETOS (acima de 10 anos de idade)	24.500.000
MORADORES DE FAVELAS E CORTIÇOS	10.500.000
IDOSOS (+ de 60 anos)	8.800.000

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Para elaboração deste livreto, idéias foram retiradas e partes foram adaptadas das publicações já citadas e dos seguintes trabalhos:

- “Brasil Vivo: uma nova história da nossa gente”, Volume I, de Chico Alencar / Marcus Vinícius Ribeiro / Claudius Ceccon, da Editora Vozes, 2ª edição, 1986.
- “Queremos Viver: subsídios didáticos sobre a Questão Indígena”, CIMI / CNBB.
- “O Negro no Mercado de Trabalho”, Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra.
- “Diagnóstico sobre a Situação Educacional de Negros (Pretos e Pardos) no Estado de S. Paulo”, de Fúlvia Rosemberg e outras, Fundação Carlos Chagas, 1986.
- “Mulheres Brasileiras: participação política e social”, Calendário 1986, Conselho Estadual da Condição Feminina - SP.
- “Mulher e Educação: debate sobre o papel da mulher na sociedade”, de Silvia Pimentel e outros, Secretaria da Educação do Estado e IMESP, 1987.
- “O Lugar da Mulher”, Editora Graal, 1982.
- “Mulher Negra: dossiê sobre a discriminação racial”, Conselho Estadual da Condição Feminina, S. Paulo, 1986.
- “Os Deficientes: perguntas e respostas”, de Cândido Pinto de Melo e Suely Satow, ATPCE - Secretaria da Educação do Estado de S. Paulo, 1986.

COMISSÃO ESPECIAL DE LUTA CONTRA TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO

MEMBROS:

Representantes dos Órgãos da SE

GABINETE – Raquel de Oliveira

ATPCE – Sílvia Carlos da Silva Pimentel

CENP – Carmen Sílvia Costa Coutinho

CEI – Rosa Maria Gonçalves Calvano

COGSP – Ivete Martins

DAE – Antonio Carlos Dias Ferreira

DRHU – Edna Aparecida Polizel

FLE – Eliana Asche

GTAAB – Percy da Silva

Participação

CIE/ETICT – Sílvia Corrêa

Representantes de Entidades

Comissão Pró-Índio - Aracy Lopes e Leinad Ayer de Oliveira Santos

Conselho Estadual para Assuntos da Pessoa Deficiente – Maria Nilza Dupas P. Scalabrini

Conselho Estadual da Condição Feminina - Ilma Fátima de Jesus

Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra - Rosa Maria T. Andrade

Ordem dos Advogados do Brasil - Antonio Carlos Malheiros

Comissão de Justiça e Paz - Flávio Di Giorgio

Coordenadora da Comissão - Sílvia Carlos da Silva Pimentel

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

Gerência de MULTIMEIOS
Ymair Helena Truffi

Revisão Editorial
Antonio Eduardo Vieira de Almeida

Produção Gráfica
Julia M. Rossi

Fotolitos
João dos Santos Rodrigues

Impressão e acabamento
Gráfica FDE

Tiragem
25.000 exemplares